

IGNACIO M. RANGEL

Especial para "Folha"

Os ciclos são como as ondas do mundo da física: no mesmo meio, propagam-se ondas de diferente etiologia, de vários comprimentos e velocidades. O mesmo mar que serve de meio para a propagação do tsunami, a vaga de fundo que cruza o oceano com a velocidade de um avião, com quilômetros de comprimento e de origem sísmica, também, e concomitantemente, aceita pequenas e médias vagas, muito mais lentas, de apenas metros de comprimento e de origem obviamente eólica. Por isso, isto é, pela circunstância de que as diversas ondas se combinam, somam-se ou se subtraem, o mar tornou-se o próprio símbolo da inconstância, da imprevisibilidade. Assim os movimentos de conjuntura do mundo econômico, inconstantes e imprevisíveis, como o outro mar.

Entretanto, do mesmo modo como a imprevisibilidade do oceano começa a ser desmentida, pela moderna física e pela moderna observação meteorológica, permitindo a tomada de eficazes medidas de precaução, ante a aproximação de vagas de fundo ou de ciclones, possibilitando até mesmo o surgimento de uma engenharia anti-vaga, como essa que está construindo um dique através do Golfo da Finlândia, para proteger Leningrado contra as ondas longas que assolam periodicamente a cidade, desde a sua fundação, a ciência econômica está possibilitando a previsão de movimentos desastrosos de conjuntura e, em casos ainda contados, tornando viáveis e operacionais os chamados programas anti-cíclicos.

Certo é que, assim como não há ainda engenharia que valha contra o tsunami, não há programas anti-cíclicos inteiramente eficazes contra o ciclo longo, ou ciclo de Kondratiev. Mesmo as economias socialistas conseguiram apenas reduzir-lhe a violência e a extensão dos estragos, mas não suprimi-lo. Isso exigiria um planejamento exaustivo e prolongado, como ainda não há. Não me refiro apenas a fenômenos tais como o desemprego iugoslavo, a inflação húngara e a crise recessiva polonesa, que podem ser explicados pela amplitude das sobrevivências de instituições capitalistas, mas à queda sensível das taxas de crescimento concomitante com a fase "b" do presente Kondratiev, que alcança todo o sistema. Quanto ao capitalismo, a única defesa ensaiada contra a crise do ciclo longo é a que consiste no armamentismo e, quem sabe, na própria guerra: emendas potencialmente piores do que o soneto.

Ocorre, porém que, se a engenharia anti-cíclica não promete ainda ser

muito eficaz contra os ciclos longos, o mesmo não se pode dizer no caso dos ciclos mais breves. A teoria keynesiana, nascida nas condições da luta contra o outro ciclo longo, mas que provou ser eficaz apenas contra o ciclo médio inscrito naquele, embora sendo usada envergonhadamente, agora, no Ocidente, é a verdadeira "rationale" da "reaganomics", não a desacreditada "supply side", inspirada nas idéias do prof. Friedman. Quanto ao mundo socialista, poucos vestígios parecem restar desses movimentos.

Os Estados Unidos estão, atualmente, empenhados num desses programas que, embora — como o New Deal e o Plano Quadrienal do Dr. von Schacht, o mago das finanças de Hitler — esteja voltado contra a crise em geral, isto é, contra o complexo de vagas que agitam este outro oceano, somente é eficaz contra uma ou algumas das vagas do complexo. Mas acontece que quando, como agora, quando a vaga média deixa de somar-se à longa, uma relativa bonança sobrevém, ao temporal. Isto é muito importante, mas não nos deve iludir, visto como, assim como um enrocamento pode bastar para quebrar a vaga gerada pelo aliseio, mas será ultrapassado, quase como se não existisse, quando vier a vaga de fundo, assim, também a onda longa da conjuntura continua, nas profundezas do sistema econômico, a preparar seus estragos. Tomara que a história não se repita, porque as passadas grandes guerras podem ser estudadas como incidentes de vagas de fundo assim: do 2º e do 3º Kondratievs.

Entretanto, convém estudar com muita objetividade os elementos decisivos da "engenharia anti-cíclica" em uso. O gigantesco déficit do Tesouro federal dos Estados Unidos, sobrevivendo na esteira de déficits acumulados, que engendram uma conta de juros três ou quatro vezes maior que toda a dívida externa brasileira, é o instrumento chave do presente "programa", do qual é falsamente chamado de "supply side", visto como age, de fato, pela demanda que suscita.

Simultaneamente — note-se bem, simultaneamente — assistimos ao refluxo da recessão e dos fenômenos que integram sua síndrome, tais como a queda da produção, a inflação, o desemprego, a ociosidade das instalações produtivas. Pelo menos ao primeiro exame, o remédio que os Estados Unidos resolveram tomar nada tem de comum com esse que, por intermédio do FMI e dessa simpática moça Anamaria Jul, nos estão obrigando a tomar, e que se resume na imbecilidade do "combate à inflação pela recessão".